



Revista Reflexão

ISSN: 0102-0269

ISSN: 2447-6803

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

GIACHINI, Enio Paulo

Da disposição do vale para a unidade do burgo: um itinerário de subida, Sermão 2 de Eckhart

Revista Reflexão, vol. 42, núm. 2, 2017, Julho-Dezembro, pp. 271-278

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

DOI: 10.24220/2447-6803v42n2a3866

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576561912010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Da disposição do vale para a unidade do burgo: um itinerário de subida, Sermão 2 de Eckhart

From the disposition of the valley to the unity of the burgh: An ascent route, Sermon 2 by Eckhart

Enio Paulo GIACHINI¹

Resumo

O Sermão 2 de Mestre Eckhart, como um contraponto ao Sermão 86 que fala de Maria e Marta, descreve um itinerário de crescimento do humano. Maria e Marta são tipologias humanas, protótipos de um e mesmo processo de descoberta, busca, apropriação e maturação do caminhar humano. Nesse sermão, Eckhart usa de diversos “conceitos” para descrever esse caminho humano de disponibilização e cogeração de Deus na alma. Virgem e mulher, forças da alma e burgo são algumas das “imagens” de que ele lança mão para mostrar o processo de libertação das próprias imagens. Este artigo divaga um pouco acerca da sobriedade do texto eckhartiano, apresentando a subida à montanha e o retorno ao vale como imagens do percurso de crescimento humano, conforme essas tipologias humanas. O ser humano precisa descobrir, sorver, fazer crescer e frutificar o que há de melhor em si: o próprio divino.

Palavras-chave: Eckhart. Maria e Marta. Sermão 2. Virgem e mulher. Vontade e intelecto.

Abstract

Meister Eckhart's sermon 2, as a counterpoint to sermon 86, which speaks of Mary and Martha, describes the path to human growth. Mary and Martha are human typologies, prototypes of one and the same process of discovery, search, assimilation, and maturation of human beings. In this sermon, Eckhart uses a number of "concepts" to describe this human way of preparing and co-generating God in the soul. Virgo and woman, soul forces, burgh are a few "images" he uses to show the process of liberation from the images. The article addresses the sobriety of Eckhart's text that describes the ascension to the mountain and return to the valley as a course of human growth according to these human typologies. The human being needs to discover, absorb, nourish, and bear what is the best in oneself: the divine itself.

Keywords: Eckhart. Sermon 2. Mary and Martha. Virgo and woman. Will and intellect.

¹ FAE – Centro Universitário Franciscano do Paraná, Faculdade de Filosofia. R. 24 de maio, 135, Centro, 80230-080, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: <enio.giachini@bomjesus.br>.

Introdução

“Nosso Senhor Jesus Cristo subiu a um burgo e foi recebido por uma virgem que era uma mulher” (ECKHART, 2009, p.46). Essa é a frase-tema do Sermão 2, tirada da passagem de Lucas que narra o episódio de Marta e Maria recebendo Jesus em sua casa. Eckhart retomará esse tema no Sermão 86, inicialmente com o mesmo título parcial, *Intravit Jesus in quodam castellum*, sobre o qual os comentadores afirmam que o autor teria invertido a “prioridade” e o significado da simbologia das duas tipologias cristãs de Marta e Maria, ação e contemplação².

Como fará no Sermão 86, no Sermão 2 Eckhart traça uma espécie de itinerário da vida cristã, um percurso de elevação do homem para entrar no burgo. Como nos demais sermões, seu interesse está em mostrar uma via de libertação cristã.

De antemão, não se sabe aqui o que seja burgo, virgem, mulher e outros conceitos centrais que vão surgindo no texto, tais como “uma força na alma”, “outra força”, “gerar fruto”, “tempo de um ano para gerar fruto”, “nascimento”, “trazer fruto vezes sem fim” etc. Parte-se da suspeita de que Eckhart esteja falando de uma caminhada de crescimento humano. Nesse sentido, este estudo propõe seguir o curso do sermão, aleatoriamente dividindo-o em etapas e arbitrariamente ressaltando, secundando, imitando e claudicando atrás de alguns pontos que parecem importantes e decisivos para a compreensão do sermão, a ver se se alcança sacar alguma luz do texto.

Virgem

O itinerário é de subida. Para chegar ao burgo há que subir. O burgo está no alto da montanha. Subida sempre implica abandono, deixar para trás o aconchego do vale e abdicar do conforto e morninho da cova e da alcova. Vale, portanto, fazer abstinência, ascese, renúncia e abandono. Mas essa última conclusão ainda não fica clara e não se basta por si. “Necessariamente deve ser assim que fosse virgem, ela, a pessoa por quem Jesus foi recebido. Virgem diz o mesmo que homem livre de todas as imagens estranhas, tão livre como era quando ainda não era” (ECKHART, 2009, p.46). O que diz “virgem” aqui? O próprio Eckhart dá indicação logo a seguir. Trata-se de estar vazio; vazio de imagens, “[...] tão vazio como eu era quando ainda não era [...]” (ECKHART, 2009, p.46). Imagens e, como dito acima, imagens estranhas, encham o ser humano, entulham, entopem, embotam, tiram a transparência do “original”. Há que se esvaziar das imagens para disponibilizar o início da subida. Contextualizando: Eckhart contrapõe de início duas figuras: “virgem”, a saber, tanto homem quanto mulher, como alguém não casado, em contraposição a “mulher”, a saber, pessoa casada, compromissada com a família. Mas a “simbologia” se estende mais quando se observa que Eckhart qualifica a virgindade como estar livre de imagens “estranhas”. Será que aqui ele se refere a estranhas em contraposição a próprias? O tema da imagem é central e recorrente nos sermões.

Se alguém pinta uma imagem num muro, o muro será o suporte da imagem. Quem ama a imagem no muro, junto com a imagem, ama também o muro; se alguém retirasse o muro, tiraria também a imagem. Mas se retirar o muro de tal modo que a imagem permaneça, então a imagem será o suporte de si mesma. Quem, pois, ama tal imagem, ama uma imagem límpida. Amai, portanto, tudo quanto é amável e não aquilo no que aparece o amável; tu então amas limpidamente a Deus; essa é uma verdade indubitável (ECKHART, 2008, p.30).

² Para esse tema ver Mieth (1969).

Se eu quero tomar uma imagem de uma coisa, por exemplo, de uma pedra, puxo dela o que é o mais grosseiro para dentro de mim; isso eu sublevo do exterior. Mas quando está no fundo de minha alma, ali está no mais sublime e mais nobre; ali não é nada mais do que uma imagem. Toda vez que minha alma conhece qualquer coisa a partir do exterior, alguma coisa de estranho entra nela (ECKHART, 2008, p.65).

É, pois, uma coisa do intelecto. O itinerário da ascensão começa por uma sondagem do intelecto. O intelecto deve estar vazio de imagens “estranhas” (vindas de fora), imagens que tenham o suporte fora de si mesmas, que dependam de outra coisa. Mas como pode isso se ele “sabe muitas coisas” (ECKHART, 2009, p.46). De novo a doutrina socorre o intérprete: ascese e “desprendimento”. Como um vaso, um cálice, só pode receber o vinho se estiver vazio. Há que haver, portanto, um processo de abandono e renúncia, de abaixamento e nivelamento ao rés do chão. As imagens precisam deixar de ser “estranhas”, ou seja, há um processo de trabalho miúdo e contínuo, perseverante e fiel de apropriação do que é oferecido. Todo labor do dia a dia, toda dádiva de vida com que o ser humano se depara, todos os encontros para os quais este caminha, tudo que entra ou deixa de entrar em seu campo de percepção e sentimento precisa ganhar apropriação e tornar-se como o fundo de sua própria alma.

A ascese diz que se deve abandonar e renunciar às imagens. No entanto, não é bem isso que se lê no texto. Eckhart faz uma suposição diversa: “Suponhamos que eu tenho um intelecto tão abrangente de modo a se acharem nele **todas** as imagens concebidas, desde sempre, por todos os homens e [também] as que estão no próprio Deus” (ECKHART, 2009, p.46). Se o homem fosse tão livre da vontade própria para com elas e não as tornasse sua propriedade, então começaria o processo do tornar-se virgem, a saber, livre, solto e sem impedimento como quando ainda não era.

O direcionamento da reflexão proposta por Eckhart parece ir na contramão da ascese. Não se trata de abandonar ou renunciar, inanes e exauridos, à terra dos homens e aos dons humanos e terrenos, mas de buscar angariar o que há de mais elevado e melhor. Ir ao enalço do que há de melhor na tradição, e reunir qualitativamente tudo que já se concebeu no veio de sua busca. O processo de tornar-se livre, solto e sem impedimento não se dá em sair do mundo, mas entrando nele – é só o pleno exercício e domínio de uma arte, de um método, de uma atividade que possibilita superá-la e não mais dela ficar dependente. É só pelo muito treino que o arqueiro pode esquecer os métodos, esquecer o corpo, o arco, a seta e o alvo, e atingir o alvo estando ali dentro inteiramente livre e solto.

“Em cima da cela não há nenhum homem, sobre a cela não há nenhum cavalo” (Hisamatsu)³.

Essa frase expressa o mistério do cavalgar que atravessa a longa antiguidade do Japão. Visto objetivamente, é um fato evidente e indiscutível que há um homem em cima da cela e um cavalo sob a cela. O cavalgar é tanto mais harmonioso quanto mais os dois forem um todo indiviso. Só quando homem e cavalo se tornaram um, i. e, onde se tornaram uma não-dualidade, o cavalgar alcança o extremo de sua essência e o máximo de sua habilidade.

A atitude da virgindade em Eckhart, portanto, parece estar falando de uma atitude de extremo engajamento, da melhor qualidade de disposição, da busca do melhor e do mais elevado possível em todos os níveis de ser no veio de sua busca. Virgindade tem a ver com colocar à disposição o que há de melhor. Subir ao topo do possível, onde a visão alcança mais distante, o ar é mais puro, a luz mais transparente e o perigo mais iminente “uma perigosa travessia”. Elevação do espírito do populacho, do bafo quente do cotidiano, do coaxar dos sapos.

³ Dito popular.

Liberdade frente às imagens

É preciso, então, pensar o que significa libertar-se das imagens. O Intelecto aprende através de imagens. As imagens são a mediação do intelecto. Viver é processamento de imagens.

‘Se não houvesse nenhuma mediação, meu olho nada veria’. Se ponho minha mão sobre meu olho, não vejo a mão. Se a coloco diante de mim, vejo-a imediatamente. Isso vem da materialidade grosseira que está na mão; esse material grosso deve ser purificado e tornar-se sutil no ar e na luz e então ser trazido ao meu olho como uma imagem⁴. Repara isso no espelho: se o tens diante de ti, tua imagem aparece no espelho. O olho e a alma são tal espelho, no qual aparece ali dentro tudo que se mantém diante deles. É por isso que não vejo a mão ou a pedra; antes, vejo uma imagem da pedra. Mas a imagem, ela mesma, não a vejo em outra imagem ou em um meio, mas eu a vejo sem meio e sem imagem, pois a imagem é o meio e não um outro intermediário, e o porquê disso é que imagem é sem imagem e correr é sem correr, perfaz antes o em correndo, o corredor (ECKHART, 2008, p.57).

As imagens vão operando no intelecto um processo de aproximação e familiarização. O intelecto estaria livre e solto como quando ainda não era, não se desfazendo de imagens, mas buscando as melhores imagens e liberando-as de toda estranheza, ou seja, delas se apropriando no verdadeiro sentido de propriedade, ou segundo Heidegger, de autenticidade.

Esse “estado” muito recorrente em Eckhart, de ser como quando ainda não se era, não é um recuo cronológico a tempos anteriores à existência, à pré-história, etc. É possível fazer referência aqui ao conceito de pré-história descrita no *Ménon* 81b, ou na *República* 517c de Platão. “Nessa existência, antes da existência, o homem está livre de toda imagem ou representação que vem das coisas, tudo que existe se mantém junto dele, como uma “ideia” está próxima à outra” (SCHÜRMANN, 1972, p.34). Essa liberdade originária não está perdida no passado, mas é algo iminente, em devir no percurso de uma travessia, é uma realidade, a mais próxima, mesmo não estando acessível ao arbítrio. A sua experiência se dá nessa caminhada de descoberta, processamento, disponibilização e maturação do dom pessoal e intransferível de cada um. Seu conhecimento é um co-nascimento, ou seja, erguer-se à altura do dom e manter-se na sua gratidão, gerando o próprio dom. A luz da compreensão do co-nascimento, segundo Eckhart (2009) tem esses dois grandes saltos: virgem e mulher, contemplação e ação, Maria e Marta.

No conhecimento, Maria está para o que a tradição chama de intelecto passivo; Marta está para o que se chama de intelecto ativo. Maria é a virgem, Marta a mulher. Maria é a abertura e plena disposição para o dom, para o que há de mais belo, de melhor e mais sublime; é o processo de atinência, descoberta, busca e apropriação, exercício e disponibilização de Vida. Marta é o fazer o dom frutificar. Na apropriação do melhor que a Vida oferece se dá a transformação da semente, pela morte, em frutificação. É um e o mesmo movimento.

Que o homem conceba Deus em si é bom, e nessa concepção é ele moça-virgem. Mas que Deus se torne nele fecundo, isso é bem melhor. Pois frutificar a dádiva é a única gratidão para com a dádiva. E ali, o espírito é mulher, na gratidão que gera novamente, lá onde o espírito gera novamente a Jesus para dentro do coração paterno de Deus (ECKHART, 2009, p.47).

O intelecto passivo, de Maria, ainda voltado para a fruição, pode ser visto na tradição como êxtase e raptó. O Sermão 86 aborda melhor essa atitude de Maria aos pés do Senhor, embevecida com sua presença e sua palavra: ser e revelação, acolhida, recebimento e fruição. Plotino descreve essa realidade como êxtase.

⁴ Cf. ARISTÓTELES. *De anima*. II t. 73 (Bc. 7 419 a 12-15); ALBERTO M. *De anima* II tr. 3 c. 14 (ED. COLON. VII, 1 p.119, 33ss).

Muitas vezes acordo de meu corpo junto de mim mesmo. Torno-me exterior às outras coisas, interior a mim; vejo uma beleza de uma majestade maravilhosa [...], Mas depois desse repouso no divino, retornando da intuição para a reflexão e o raciocínio, eu me pergunto como pude, e agora mais uma vez, descer assim, como minha alma pôde jamais adentrar o interior de um corpo [...] (SCHÜRMANN, 1972, p.39).

Trata-se de um estado de ser; sentir que, pelo treinamento e exercício, chega-se aos píncaros da leveza e forma, da suavidade e doçura; é a visão do alto da montanha... a fluidez e performance do dom em pleno exercício supera a limitação da corporeidade, o obscuro da terra, o peso da existência; suspende a limitação, mesmo que seja momentaneamente. Essa passividade do intelecto é uma abertura compreensiva, conceptiva do belo, do bem, do justo, do ideal, do harmonioso etc. A visão idílica e extasiante do vale, visto do alto da montanha após longa e extenuante caminhada, é um convite para Pedro afirmar: “[...] construamos aqui três tendas!” (BÍBLIA SAGRADA, 2008) como visto em Mateus 17,4. Mas o próprio Zaratustra (NIETZSCHE, 1999) se enfadou da superabundância de sol e ar puro da montanha e resolveu descer novamente ao vale.

“Muitas boas dádivas concebidas na virgindade acabam se estragando [...]” (ECKHART, 2009, p.47), se estragam e são reduzidas a nada. Eckhart diz que as dádivas concebidas precisam ser geradas novamente. Na linguagem da tradição: o intelecto possível precisa ser atualizado, tornar-se intelecto agente; no itinerário de busca de crescimento ou de ascensão ao burgo, significa que a descoberta, o achado daquilo que é o motivo de alegria maior, do fascínio e encanto, deve ganhar a tonalidade do sóbrio e usual do dia a dia, precisa tornar-se o andar normal da carruagem. É preciso descer da montanha da contemplação e voltar ao vale da usualidade do cotidiano e ali, sim, co-gerar o que foi visto e vivenciado lá no alto. A vivência tem de se tornar experiência. Gerar fruto significa que a compreensão, a visão do extraordinário se encarna, é apropriada no fazer e afazer normal do andar da carroça diária. Eckhart (2009) diz dessa realidade no sermão, assim: “Os casados mal conseguem fazer mais do que um fruto por ano”. A temporalidade do êxtase é esporádica e, além do mais, é dependente de fórmulas, de ritos, de modo e método, ainda não se tornou carne e osso, ainda não se mostrou ordinária. Ainda está em curso a descida para a temporalidade originária, o retorno. Aqui, retorno não é para cima, para a montanha da contemplação, mas para baixo, para o cotidiano do trabalho sóbrio.

Segundo Eckhart, temporalidade originária tem uma relação direta com vontade. A força da alma chamada vontade está no caminho da temporalidade. A vontade própria ainda carrega o peso do voluntarismo; o agenciamento da subida e o êxtase da visão guarda muito de voluntarismo; um empenho e sofreguidão exagerado que busca acelerar os processos e não respeita o ritmo próprio da cadência do pulsar de vida. Essa vontade é o que o texto chama de “um ano”. Vontade originária não é voluntarismo nem modorra, apatia e indolência, mas boa vontade. A boa vontade tem a cadência livre e solta, não em função de uma abdicação, mas de intensificação da forma, intensificação da busca. A boa vontade ganha o ritmo do amanhecer e do entardecer. Ela “traz muitos frutos [...] traz à obra todos os dias, cem vezes, mil vezes, sim, vezes sem fim, parindo, frutificando, do fundo do mais nobre abismo” (ECKHART, 2009, p.48).

O fundo desse “abismo” é diferente da indolência e do voluntarismo, que são os dois extremos afastados da vontade própria. Esse abismo nobre fala aqui de fonte inesgotável. Escuro inescrutável da terra, doação singela e gratuita de vida, que é ao mesmo tempo retraimento de essência em doação de frutos. Trata-se de uma atitude, um processo de habitar o sóbrio e obscuro de tronco, folha, palha e raiz, e não demorar-se no êxtase de flor e fruto. Nobre, como no texto eckhartiano “O homem nobre”, diz de magnanimidade, alma magna, grande, que não é grandiosa nem mesquinha. O tempo originário do instante é todo o tempo e o tempo todo. É vale e cotidiano. E isso não por desprezo ao singular e ao individual, mas justo para

serviço, para ser condição de possibilidade de gerar dom e dádiva, pois a melhor gratidão para com o dom é fazer o dom frutificar.

Intelecto e vontade

No seguimento do sermão, Eckhart explica a seus ouvintes sobre duas forças presentes na alma: intelecto e vontade. Será necessário ver o que elas sinalizam no caminho de ascensão e descida da montanha. Ele mesmo não as qualifica assim, ali; antes, descreve as duas forças de maneira bastante parecida, como forças que são puro espírito, não tocam tempo nem carne, e cujo fruto é elevado e nobre; valem suportar uma vida inteira de agruras, sofrimento e pobreza, por uma única vez, um único lance de olho, que pudesse contemplar o que são e o que revelam em sua essência.

O intelecto está ligado ao olho, ao ver. Essa força é a própria jovialidade: “Se o espírito estivesse unido com Deus nessa força, o homem não poderia envelhecer” (Eckhart, 2009, p.49). De que experiência estará falando Eckhart aqui, quando fala em não poder envelhecer? No intelecto, segundo ele, o instante em que Deus criou o mundo, o instante em que perecer o último homem e o instante do agora são um único instante. De nada vai adiantar conjecturar ou imaginar sobre essa realidade, aqui. O que pode estar ao alcance humano é a concepção usual de tempo como passado, presente e futuro, como sucessão de instantes finitos num percurso in-finito. Será que então não só a vontade, mas também o intelecto tem relação intrínseca com o tempo originário? Significa que para acessar o tempo originário basta inteligir e querer.

O portal do tempo onde se encontram passado e futuro é o instante. Mas a realidade percebida é: o tempo não se detém, a idade não para. Eckhart fala que nessa força não se envelhece, sempre só há um único instante. Sempre só é um, por isso é novo e velho. O fator de comparação chegou ao seu extremo e alcançou identidade. O processo de remissibilidade de um instante para outro, de uma vivência para outra se condensa e se realiza em plenitude em cada instante. Cada passo que dou na estrada da subida da montanha é sempre a montanha inteira, com tudo que é e deixa de ser. Em cada nova mirada do olhar congrega-se unitariamente o todo de olhar possível e atual; o ponto finito do real se identifica com o âmbito aberto do possível; o passo se faz cada vez percurso. O que abre essa experiência é intelecto, a visão luminosa que provém do obscuro do âmbito da caminhada e se recolhe de volta nela inteiramente. E o não envelhecer – o que tem a ver com isso? Será esquecimento do patamar de comparação? Ou será o sorver miúdo e integral da finitude do instante no contentamento e contenção de cada momento individual? Nessa força “sua alegria seria tão grande que todo esse sofrer e toda essa pobreza teriam sido ainda pouco demais” (ECKHART, 2009, p.49).

Portal do tempo originário são as duas forças descritas por Eckhart aqui, chamadas de intelecto e vontade. Intelecto passivo e ativo, Maria e Marta, montanha e vale são etapas e indicações de percurso humano ao originário. A simplicidade da fala de Eckhart está nisso que remete seus ouvintes e leitores ao que há de mais próximo. O originário não está no abdicar por abdicar, mas na ousadia da busca serena e de longo fôlego da subida e do retorno ao ordinário.

“Enquanto intelecto ‘receptivo’, o espírito do homem recebe o filho, enquanto intelecto ‘agente’, ele gera de volta em Deus. Nessa reciprocidade se efetua a identidade do distinto” (SCHÜRMANN, 1972, p.54). A força do intelecto é, passivamente, uma reunificação das condições da vida (sondagem, preparação, apropriação, exercício de paisagem-montanha, e, ativamente, participação essencial no processo de gerar vida, co-criação, o nascimento e co-nascimento de Deus na alma. Nesse ponto Deus verdeja e floresce na alma.

Para descrever a força da vontade, Eckhart faz uma comparação usando do tema do sofrimento. “Para sublinhar a grandeza do espírito humano, capaz de se unir a Deus, Eckhart recorre aqui a comparações” (SCHÜRMANN, 1972, p.70) com o sofrimento.

Digamos que um homem possuísse todo um reino ou toda a riqueza da terra, mas que a doasse puramente por e para Deus e se tornasse um dos homens mais pobres, vivendo nalgum canto da terra, e que Deus então lhe desse tanto a sofrer como jamais o permitiu a um homem e a tudo isso esse homem sofresse até sua morte; e se, então, Deus lhe deixasse, *por uma única vez*, apenas *num lance de olho ver* como ele é nessa força: – Sua alegria seria tão grande que todo esse sofrer e toda essa pobreza teriam sido ainda pouco demais (ECKHART, 2009, p.48).

Na descrição da força da vontade, Eckhart praticamente repete a comparação feita com o intelecto: “E volto a dizer que, se houvesse alguém que aqui, num piscar de olhos, contemplasse verdadeiramente com a mente o deleite e a alegria que ali está – tudo que pudesse sofrer, tudo que Deus dele quisesse que ele tenha sofrido, tudo isso lhe seria insignificante, sim, um nada” (ECKHART, 2009, p.49).

Na primeira força, em seu pleno exercício, pelo ver do olho, pela luz habitada pelo homem, este experimenta incomensurável alegria e não pode envelhecer. Pela segunda força, a vontade, o homem experimenta doçura, alegria incomensurável, deleite e aconchego. Sofrimento e privação de uma vida inteira, por uma única mirada, um lance de olho, um piscar de olhos. Como compreender essa contradição? A identidade das forças da alma com a origem não elimina a limitação humana. No dia seguinte à experiência de êxtase, é preciso acordar novamente às seis horas da manhã, erguer o peso do dia, suportar a dor de cabeça, ir ao trabalho, “segurar as pontas”, as rédeas dos fios da tessitura da vida. A coisa não vai por si, no piloto automático, na fluência da harmonia, no morno aconchego do ninho. Que tipo de alegria, deleite e jovialidade está em questão ali, então?

Eckhart dá uma leve indicação no texto que segue:

Se houvesse um homem que quisesse sofrer por Deus e somente por e para Deus, e se precipitasse sobre ele todo o mundo de sofrimento que a humanidade sofreu desde sempre e pesa sobre o mundo inteiro, tudo isso não lhe causaria dor, nem lhe seria peso, pois é Deus que suportaria a carga. Se alguém me colocasse um quintal sobre a nuca e se então uma outra pessoa o segurasse por sobre a minha nuca, eu carregaria com gosto, igualmente tanto cem como um, pois não me seria pesado, tampouco me causaria dor (ECKHART, 2009, p.49).

Sofrer por e para Deus não é aguentar, suportar, nem fazer cara de bonitinho e por dentro arder de raiva, mas perceber, ver, sentir, incorporar, sorver, suar, respirar e transpirar o que há de mais real do que é o real. Talvez, seja o mote da expulsão do homem do paraíso: comerás o pão com o suor do teu rosto. Adentrar com intelecto (luz) e vontade (disposição plena) essa realidade pode abrir um nível de ser mais largo e mais amplo, mais denso e sólido. Começa a descortinar-se um modo de ser que é anterior e posterior a sujeito e objeto, ao eu e coisa; percebe-se que já se era antes de ser, que já se começou antes de começar, e que não se fina no “final”, que é inacreditável que esse antes e depois caibam, e se dignem apresentar-se inteiramente e sem reservas, no finito do instante e do aqui. Que generosamente se dê inteiro ali e, mesmo assim ou justamente por isso, não se esgote e se mostre ao se recolher e se retraia ao se mostrar.

Essa experiência se dá num piscar de olhos e se abre como raio para logo se fechar de novo. Ver por uma única vez, apenas num lance de olho. Mas, ao se fechar e restar “sofrimento”, limite e cotidiano já não têm mais o mesmo sentido. São agora como que pedras de toque opacas e sóbrias daquilo que possibilita sua manifestação e realidade, são acenos que apontam e mostram o que não pode se mostrar a não ser velando-se.

Conclusão

Eckhart não fala aqui da experiência ou vivência pisca-pisca, mas de um único lance de olho que, uma vez fechado, carrega para dentro do escuro de seu recolhimento toda a indiferença e mornidão do sóbrio do dia a dia. O cotidiano passa a ser só cotidiano, ordinário. Por isso que se pode dizer que não há dois ordinários, de modo que o ordinário se tornaria algo corriqueiro e “ordinário”. Não pode haver dois cotidianos. Nunca se ouviu falar de dois ordinários do dia a dia. A sobriedade de Marta servindo o Senhor, totalmente tomada pelos afazeres cotidianos e comuns, ganha uma transparência opaca e integral. É só isso. Não quer e não precisa ser mais nada além disso. Não remete para além do que é; seu serviço é prestação e gratidão translúcida e sóbria, serenidade solta e livre, desprendimento. Não é abdicação, não é ascese, não é renúncia; é, antes, empenho e entrega, acolhida e positiva geração, uma roda que roda sobre si mesma um sagrado esquecimento.

Referências

- ALBERTO, M. *De anima* II tr. 3 c. 14 (Ed. Colon. VII, 1 p.119, 33ss).
- ARISTÓTELES. *De anima*. II t. 73 (B c. 7 419 a 12-15).
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria, 2008.
- ECKHART, M. *Sermões alemães I*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 2v.
- ECKHART, M. *Sermões alemães II*. Petrópolis: Vozes, 2008. 2v.
- KOPPER, J. *Die Metaphysik Meister Eckharts*. Saarbrücken: Sest-Ost-Verlag, 1955.
- LOSSKY, V. *Théologie négative et connaissance de Dieu chez Maître Eckhart*. Paris: Editora, 1960. (Études de Philosophie Médiévale, v.58).
- MIETH, D. *Die Einheit von vita activa und vita contemplativa in den deutschen predigten und traktaten Meister Eckharts und bei Johannes Tauler*. Regensburg: Friedrich Pustet, 1969.
- SCHÜRMANN, R. *Maître Eckhart ou la joie errante*. Paris: Éditions Planète, 1972.

Como citar este artigo/How to cite this article

GIACHINI, E.P. Da disposição do vale para a unidade do burgo: um itinerário de subida, Sermão 2 de Eckhart. *Reflexão*, v.42, n.2, p.271-278, 2017. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v42n2a3866>